

Editorial

Prof. Dr. Alex Sander da Silva

Em tempos difíceis, faz-se necessário uma reflexão sobre para onde vai a educação brasileira. Podemos dizer que os problemas educacionais, quando se fala da esfera pública, atualmente estão se avolumando cada vez mais: baixos salários dos profissionais, poucos recursos materiais, formação continuada precária etc; E, como se isso não bastasse, aparecem inúmeros outros problemas, frutos de uma profunda crise econômica, de valores sociais e morais que atingem a sociedade, que geram um grande descompasso entre a pretensão formativa e as exigências mercadológicas.

A educação é um lugar de disputas do pensamento. E ela se encontra no limite entre a projeção da consciência e da resignação, entre a dominação e a liberdade. Dizer o que ela não é o que ela não faz talvez seja mais oportuno para o pensamento, pois guarda um momento fundamental que a constitui – a saber a crítica. O pensamento e a prática educacional constituem-se nos paradoxos da consciência social e desdobramento do pensamento prático.

A atualidade educativa não é o quanto se faz presente na vida das pessoas, mas em como ela se faz. Cultivando o espaço das crises e incertezas no radical sentido do termo. É preciso deixar passar o momento de sua realização. Suas opções são os horizontes possíveis do pensamento crítico. Numa sociedade como a nossa, que subjuga-se no limite do capitalismo, que restringe a existência de homens e mulheres, na sua maioria jovens (basta perceber o genocídio fruto da violência institucionalizada), onde o ridículo se torna comum, a tarefa do filósofo é não fazer jus ao pensamento que não se mobiliza.

Hoje, mais do que nunca, nossa sociedade capitalista, com sua “roupagem” de democracia e liberdade é o mais sofisticado totalitarismo e o mais perverso, pois nos mostra como verdadeira a face única de sua onipotência, onipresença, circunscrevendo o círculo de “mortes programadas” numa necessidade

Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº2, jul/dez 2018.– PPGE – UNESC

naturalizada da forma mercadoria. Pensar na educação ou no pensamento educativo a partir dessa perspectiva deve se levar em conta o terreno movediço que estamos envolvidos.

Por um lado, é preciso pensar a educação sem a pretensão de uma validade absoluta e sua onipotência conceitual e prática, por outro, evitar cair na resignação ideológica que alimenta a própria dominação capitalista, ou no imobilismo “cauteloso”, por não ser pretensioso em constituir formas possíveis de destruição do próprio capitalismo.

A educação não pode ter a função e a pretensão de ser a “guardiã” única da formação humana. Estamos vivendo uma crise de referência, estamos no limite da insustentabilidade de um sistema, se não morto totalmente, mas que ainda só sobrevive das agruras da dominação, da repressão, da violência e da corrupção. Isso significa dizer que muitas coisas estão em jogo. Uma delas é nos perguntar que tipo de educação precisamos?

Os textos desse presente número da revista Criar Educação se inserem nesse contexto de reflexão sobre os diversos aspectos educacionais e diferentes espaços. Assim essa edição apresenta contribuições de diversos pesquisadores em torno do sentido do educar em espaços educativos formais e informais.

Resta-nos, por fim, desejar uma ótima leitura a todos!